



A Santa Sé

**CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS SACERDOTES
POR OCASIÃO DA QUINTA-FEIRA SANTA DE 1984**

Caríssimos Irmãos na graça do Sacerdócio

Ao aproximar-se a Quinta-Feira Santa, dia em que cada um de nós é chamado a repensar, com gratidão comovida, no inestimável dom que nos foi feito por Cristo, sinto a necessidade de a vós me dirigir, para vos testemunhar o afecto sincero e a viva solicitude que me leva a acompanhar, com o pensamento e com a oração, o vosso labor quotidiano ao serviço do rebanho do Senhor.

No dia 23 de Fevereiro passado, tive a alegria de celebrar o Jubileu da Redenção juntamente com uma vasta representação de Sacerdotes, que vieram a Roma de todas as partes do mundo. Foi uma experiência muito bela, que suscitou no meu ânimo uma emoção profunda, cujo eco perdura ainda em mim, com intensidade inalterada. Com o desejo de tornar participantes, de algum modo, desse momento de comunhão vivida, todos os "administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor. 4, 1), pensei em enviar-vos o texto da Homilia que pronunciei naquela ocasião.

Que tudo o que então disse possa servir para levar conforto espiritual a cada um de vós, reavivando nos vossos corações a decisão de perseverar generosamente na vocação de ministros do amor misericordioso de Deus. Que vos ampare também a minha Bênção que vos dou com particular afecto em Cristo Jesus.

Vaticano, 7 de Março de 1984

HOMILIA DO SANTO PADRE NO JUBILEU DO CLERO

23 de Fevereiro de 1984

1. "O espírito do Senhor Deus está sobre mim, / porque o Senhor consagrou-me pela unção. / Enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, / a pensar as feridas dos corações

quebrantados, / a proclamar a redenção para os cativos / e a libertação para os encarcerados; /a apregoar um ano de misericórdia do Senhor" (Is. 61, 1-2).

Caríssimos Irmãos na graça do Sacramento do Sacerdócio:

Há um ano atrás dirigi-me a vós com a [Carta por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1983](#), na qual vos pedia que anunciásseis juntamente comigo e com todos os Bispos da Igreja, o *Ano da Redenção*: o Jubileu extraordinário, o Ano de misericórdia do Senhor.

Hoje quero *agradecer-vos tudo aquilo que fizestes*, no sentido de que este Ano, que nos recorda o 1950º aniversário da Redenção, se tornasse verdadeiramente "o ano de misericórdia do Senhor", o Ano Santo. Ao mesmo tempo, encontrando-me convosco *nesta concelebração*, na qual culmina a vossa peregrinação a Roma por ocasião do Jubileu, desejaria *renovar e aprofundar* juntamente convosco *a consciência do mistério da Redenção*, que é a fonte viva e vivificante do Sacerdócio sacramental, em que cada um de nós participa.

Em vós, que aqui viestes, não só da Itália, mas também de outras Nações e Continentes, eu vejo todos os Sacerdotes: todo o *Presbitério da Igreja universal*. E dirijo-me a todos com as palavras de encorajamento e exortação da Carta aos Efésios: "Irmãos, recomendo-vos... que vos comporteis de maneira digna da vocação a que fostes chamados" (Ef. 4, 1).

É necessário que também nós — chamados a servir os outros em ordem à renovação espiritual do Ano da Redenção, mediante a graça deste Ano — *nos renovemos* na nossa ditosa *vocação*.

2. "*Cantarei perpetuamente as graças do Senhor*".

Este versículo do Salmo responsorial (89 [88], 2) da Liturgia de hoje recorda-nos: que nós somos, de um modo particular, "ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor.4, 1); que somos *homens da economia divina da Salvação*; que somos um "*instrumento*" consciente da *graça*, ou seja, da acção do Espírito Santo no actuar a potência da Cruz e da Ressurreição de Cristo.

E *o que é*, afinal, esta economia divina, o que é a graça de nosso Senhor Jesus Cristo — graça que Ele quis vincular sacramentalmente à *nossa vida sacerdotal* e ao *nosso serviço sacerdotal*, ainda que realizado por homens tão pobres, tão indignos?

A graça, como proclama o Salmo da Liturgia de hoje, é um *testemunho da fidelidade do próprio Deus àquele Amor eterno* com que Ele amou tudo o que foi criado, e em particular o homem, no Seu Filho eterno.

Diz o Salmo: "Com efeito dissestes:

"A graça tem bases eternas; / como os céus firmastes a vossa fidelidade" (89 [88], 3).

Esta fidelidade do seu Amor — do Amor misericordioso — depois é *fidelidade à Aliança* que o mesmo Deus estabeleceu, desde o princípio, com o homem, e que renovou muitas vezes, ainda que o homem, reiteradamente, não tenha permanecido fiel.

A graça, portanto, é *um dom puramente do Amor*, que só no mesmo Amor, e não em qualquer outra coisa, tem a sua razão e a sua motivação.

O Salmo exalta a *Aliança* que Deus firmou com *David*; e, ao mesmo tempo, pelo seu conteúdo messiânico, revela que aquela Aliança histórica representa somente uma etapa e um prenúncio da Aliança perfeita em Jesus Cristo. "Ele me invocará: 'Vós sois meu pai, meu Deus e a rocha da minha salvação' " (89 [88], 27).

A graça, enquanto dom, é o fundamento da elevação do homem à dignidade de filho de Deus adoptivo por Cristo, Filho Unigénito.

"A minha fidelidade a minha graça estarão com ele; / e no meu nome crescerá o seu poder" (Sl. 89 [88], 25).

É precisamente este poder que *faz tornar-nos filhos de Deus*; poder de que fala o Prólogo do Evangelho de São João — todo o poder salvífico — conferido à humanidade em Cristo, na Redenção, na Cruz e na Ressurreição.

E *nós*— servos de Cristo — somos os administradores deste poder.

Sacerdote: *homem da economia salvífica.*

Sacerdote: *homem plasmado pela Graça.*

Sacerdote: *administrador da Graça!*

3. "*Cantarei perpetuamente as graças do Senhor*".

É esta precisamente a nossa vocação. Nisto consiste a especificidade, a *originalidade* da vocação sacerdotal. Ela encontra-se *radicada*, de maneira especial, na missão do próprio Cristo, de Cristo-Messias.

"O espírito do Senhor Deus está sobre mim, / porque o Senhor *consagrou-me pela unção. / Enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, / a pensar as feridas dos corações quebrantados, / a proclamar a redenção para os cativos / e a libertação para os encarcerados... /*

a consolar todos os aflitos" (Is. 61, 1-2).

No âmago precisamente desta missão messiânica de Cristo-Sacerdote está *radicada também a nossa vocação e missão*: vocação e missão dos Sacerdotes da Nova e Eterna Aliança. É a vocação e a missão dos *anunciadores da Boa Nova*:

daqueles que devem *curar* as feridas dos corações humanos;

— daqueles que devem proclamar a libertação no meio das múltiplas atribulações, no meio dos males que, de muitas maneiras, "mantêm" o homem prisioneiro;

— daqueles que devem consolar.

É esta a nossa vocação e missão de *servidores*. A nossa vocação, amados Irmãos, encerra em si um serviço sublime e fundamental em *relação a cada um dos homens!* Ninguém pode prestar esse serviço fazendo as nossas vezes. *Ninguém nos pode substituir*. Nós devemos atingir com o Sacramento da Nova e Eterna Aliança as próprias raízes da existência humana na terra.

Devemos, dia após dia, introduzir nessa existência *a dimensão da Redenção e da Eucaristia*.

Devemos fortalecer aí a consciência da *filiação divina* mediante a graça. E que outra perspectiva mais elevada e que destino mais excelso do que este poderiam existir para o homem...?

Nós devemos, ainda, administrar a realidade sacramental da Reconciliação com Deus e da Sagrada Comunhão, com a qual se vai ao encontro da aspiração mais profunda do "insaciável" coração humano.

A nossa *unção sacerdotal*, verdadeiramente, está inserida de modo muito profundo na própria *unção messiânica* de Cristo.

O nosso Sacerdócio é ministerial. Sim, nós devemos servir. E "servir" quer dizer levar o homem até aos próprios fundamentos da sua humanidade, até ao próprio miolo mais profundo da sua dignidade.

É aí precisamente que deve repercutir — mediante o nosso serviço — "*o canto de louvor* em lugar de um espírito abatido", para nos atermos, uma vez mais, às palavras do texto de Isaías (61, 3).

4. Irmãos muito amados: Saibamos reencontrar, dia após dia e ano após ano, o *conteúdo* e a *substância*, verdadeiramente inefáveis, do nosso *Sacerdócio* nas profundezas do mistério da Redenção. E faço votos de que para isso sirva, de modo particular, o corrente Ano do Jubileu extraordinário!

Abramos cada vez mais amplamente os olhos— o olhar da alma — para compreender melhor o que quer dizer celebrar a Eucaristia, o *Sacrifício do próprio Cristo*, confiado aos nossos lábios e às nossas mãos de Sacerdotes na comunidade da Igreja.

Abramos cada vez mais amplamente os olhos — o olhar da alma — para compreender melhor o que significa *perdoar os pecados e reconciliar as consciências humanas com Deus* infinitamente Santo, com o Deus da Verdade e do Amor.

Abramos cada vez mais amplamente os olhos — o olhar da nossa alma — para compreender o que quer dizer *operar* personificando Cristo ("in persona Christi"), *em nome de Cristo: operar com o seu poder*, com aquele poder que, afinal, se radica no solo salvífico da Redenção.

Abramos cada vez mais amplamente os olhos, ainda — o olhar da nossa alma — para compreender melhor o que é o *mistério da Igreja. Nós somos homens de Igreja!*

"Um só corpo e um só Espírito, assim como também, graças à vossa vocação, fostes chamados a uma só esperança; *um só Senhor, uma só fé e um só Baptismo. Um só Deus e Pai* de todos, que está acima de todos, e actua por meio de todos e se encontra em todos" (Ef. 4, 4-6).

Por conseguinte: procurai "*conservar a unidade do Espírito* mediante o vínculo da paz" (Ef. 4, 3). Sim! É isto precisamente que depende, de modo particular, de vós: "*conservar a unidade do Espírito*".

Numa época de grandes tensões, que abalam o corpo terreno da humanidade, *o serviço mais importante da Igreja* nasce da "unidade do Espírito", a fim de que não somente ela mesma não sofra por uma divisão provocada de fora, mas por sua vez reconcilie e una os homens, no meio das contrariedades que se acumulam à sua volta e neles próprios, no mundo de hoje.

Meus Irmãos: a cada um de nós "foi conferida *a graça* segundo a medida com que Cristo quer concedê-la..., *para edificação* do corpo de Cristo" (Ef. 4, 7.12).

Sejamos fiéis a esta graça! Sejamos heroicamente fiéis a esta graça!

Meus Irmãos: é grande o dom que Deus nos fez, a cada um de nós! Tanto é assim que todos os Sacerdotes podem descobrir em si mesmos os sinais de uma predilecção divina.

Procure cada um conservar primordialmente o seu dom com toda a riqueza das suas expressões: também o dom magnífico do celibato voluntariamente consagrado ao Senhor — e d'Ele recebido — para nossa santificação e para edificação da Igreja.

5. *Jesus Cristo* está no meio de nós; e diz-nos;

"Eu sou o *Bom Pastor*" (Jo. 10 11.14).

Foi Ele precisamente que *nos "constituiu" pastores* também a nós.

E é Ele que continua a percorrer todas as cidades e aldeias (cf. *Mt. 9, 35*), *onde quer que nos formos enviados* para aí prestar o nosso serviço sacerdotal e pastoral.

É Ele, Jesus Cristo, que ensina... prega o Evangelho do Reino e cura todas as doenças e enfermidades (cf. *ibidem*) do homem, onde quer que *formos mandados para o serviço do Evangelho e para a administração dos Sacramentos*.

É precisamente Ele, Jesus Cristo, que sente continuamente compaixão das multidões e de todos os homens fatigados e exaustos, como "ovelhas sem pastor" (cf. *Mt. 9, 36*). Queridos Irmãos: nesta nossa assembleia litúrgica *peçamos a Cristo* uma só coisa: que cada um de nós saiba *servir* melhor, mais límpida e mais eficazmente a sua *presença de Pastor* no meio dos homens, no mundo de hoje.

Isto é muito importante também para nós, a fim de que não se apodere de nós a tentação da "inutilidade"; isto é, a tentação de nos sentirmos supérfluos. Porque, de facto, isso não é verdade. *Nós somos necessários mais do que nunca, porque Cristo é necessário mais do que nunca! O Bom Pastor mais do que nunca é necessário!*

Nós temos na mão — exactamente nas nossas "mãos vazias" o poder dos meios de acção que o Senhor nos entregou.

Pensai na Palavra de Deus, mais penetrante de que uma espada de dois gumes (cf. *Heb. 4, 12*); pensai na Oração litúrgica, nomeadamente na da Liturgia das Horas, na qual o próprio Cristo ora conosco e por nós; pensai nos Sacramentos, em particular no sacramento da Penitência, verdadeira tábua de salvação para tantas consciências e ancoradouro para o qual tendem tantos homens também no nosso tempo. É preciso que os Sacerdotes dêem novamente grande importância, para a própria vida espiritual e para a dos fiéis, a este Sacramento.

E coisa certa e sabida, caríssimos Irmãos: com o emprego destes "meios pobres" (mas divinamente poderosos), vós vereis florescer ao longo do vosso caminho as maravilhas da infinita Misericórdia.

Também o dom das novas vocações!

Com a consciência disto, nesta oração comum, ouçamos ainda uma vez as palavras que o Mestre dirigia aos discípulos: "A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos! *Rogai, pois, ao senhor da messe* que envie trabalhadores para a sua messe" (*Mt. 9, 37-38*).

Quanto são actuais estas palavras, ainda no nosso tempo!

Rezemos, pois! E reze connosco toda a Igreja! E que possa manifestar-se nesta oração a *consciência*, renovada pelo Jubileu, do *Mistério da Redenção*.

[*Antes da bênção final saudação aos padres de língua portuguesa*]

Queridos Padres de língua portuguesa

Ao saudar-vos com afecto — a vós e a quantos representais — como servidores do Povo de Deus numa vasta área da Igreja, queria repetir quanto disse na vossa língua aos Padres do Brasil e de Portugal, quando os visitei, e adaptá-lo aos dos outros Países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Mas só posso dizer, ao abençoar-vos de todo o coração: Sede homens de Deus, bons, cordatos e magnânicos, ao serviço dos homens, conscientes de continuar no tempo Cristo, Deus e Homem, nosso Redentor!